

BELLISSIMA

Nora Roberts

A Pousada do Fim do Rio

O Testamento

Traições Legítimas

Três Destinos

Lua de Sangue

Doce Vingança

Segredos

O Amuleto

Santuário

Resgatado pelo Amor

A Villa

Tesouro Secreto

Pecados Sagrados

Virtude Indecente

Bellissima

Trilogia do Sonho

Um Sonho de Amor

Um Sonho de Vida

Um Sonho de Esperança

Trilogia do Coração

Diamantes do Sol

Lágrimas da Lua

Coração do Mar

Trilogia da Magia

Dançando no Ar

Entre o Céu e a Terra

Enfrentando o Fogo

Trilogia da Gratidão

Arrebatado pelo Mar

Movido pela Maré

Protegido pelo Porto

Trilogia da Fraternidade

Laços de Fogo

Laços de Gelo

Laços de Pecado

N o r a
R o b e r t s

BELLISSIMA

Tradução

Maria Clara Mattos

B
BERTRAND BRASIL

Copyright © 1998 by Nora Roberts

Título original: *Homeport*

Capa: Leonardo Carvalho

Editoração: DFL

Texto revisado segundo o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2010

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

R549b Roberts, Nora, 1950-
Bellissima/Nora Roberts; tradução Maria Clara Mattos. – Rio de
Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
546p.

Tradução de: Homeport
ISBN 978-85-286-1440-4

1. Romance americano. I. Mattos, Maria Clara. II. Título.

10-2993

CDD – 813
CDU – 821.111 (73)-3

Todos os direitos reservados pela:
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.
Rua Argentina, 171 – 2º andar – São Cristóvão
20921-380 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (0xx21) 2585-2070 – Fax: (0xx21) 2585-2087

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios,
sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

*Para Marianne e Ky,
com amor, esperança e admiração*



PARTE UM



Porto Seguro



A beleza é sua própria desculpa para existir.

EMERSON

Capítulo

Um

O vento gelado e úmido perfurava os ossos até a medula. A neve da tempestade do começo da semana empilhava-se de maneira irregular nas montanhas ao longo da estrada. O céu era de um cinza-chumbo, carregado. Árvores tristes, de galhos despidos, destacavam-se na paisagem de grama ressecada, balançando seus galhos como punhos cerrados lutando contra o frio.

Era março no Maine.

Miranda aumentou a potência do aquecedor até o máximo, programou o CD player para tocar *La Bohème*, de Puccini, e acelerou, o som do carro nas alturas.

Estava voltando para casa. Depois de dez dias de palestras, pulando do hotel para o campus da universidade, para o aeroporto e de volta para o hotel, Miranda estava mais que pronta para voltar para casa.

O alívio que sentia talvez tivesse a ver com o fato de detestar falar em público; sofria miseravelmente toda vez que precisava



encarar aquelas filas de rostos famintos e ansiosos. Mas a timidez e o medo da ribalta não tinham permissão para interferir em seus deveres.

Ela era a dra. Miranda Jones, uma Jones de Jones Point. E não tinha permissão para esquecer isso, nunca.

A cidade fora fundada pelo primeiro Charles Jones, homem que deixara sua marca no Novo Mundo. Os Jones, Miranda sabia, precisavam deixar a sua marca, manter sua posição de líderes de Point, deviam dar sua contribuição social, comportar-se de acordo com o que se esperava dos Jones de Jones Point, Maine.

Animada com a possibilidade de se distanciar do aeroporto, ela adentrou o litoral e acelerou. Dirigir em alta velocidade era um de seus pequenos prazeres. Gostava de se mover rapidamente, de ir de um ponto a outro no menor espaço de tempo possível. Uma mulher de quase um metro e oitenta, descalça, cabelos da cor de um carro de bombeiros, raramente passava despercebida. Mesmo quando não estava no comando, dava a impressão de liderança.

E, como se movia com a precisão e o calor de um míssil em movimento, a estrada à sua frente geralmente se abria.

Sua voz já fora comparada por um homem apaixonado a um corte de veludo embrulhado em papel rústico. Compensava a sensualidade, que considerava um acidente do destino, cultivando uma fala rápida, direta, quase sempre muito precisa.

Funcionava.

Seu corpo poderia ser herança de algum guerreiro celta, mas seu rosto era típico da Nova Inglaterra. Estreito e suave, o nariz fino e comprido, o queixo levemente arrebitado e maçãs do rosto que poderiam cortar gelo. A boca, grande, normalmente aparentava seriedade. Os olhos eram da cor azul da bandeira americana refletindo os fogos do Quatro de Julho, e, na maioria das vezes, sóbrios.

Agora, enquanto se entretinha com a longa e ampla estrada que abraçava as montanhas enfeitadas de neve, seus lábios e olhos sorriam. Além das colinas, o mar estava revoltado e cinza-chumbo. Ela



adorava seus humores, seu poder de acalmar ou excitar. Enquanto a estrada declinava como um dedo torto, ela podia ouvir o chacoalhar vigoroso da água batendo nas pedras, depois recuando como um punho cerrado preparando-se para novo ataque.

A neve refletia a luz suave do sol e o vento lançava punhados dela na estrada. Ao longo da orla, as árvores nuas curvavam-se como homens velhos, retorcidas ano após ano de tempestades. Quando era criança, e fantasiosa ao extremo, Miranda imaginava as árvores reclamando umas com as outras enquanto se uniam contra o vento.

Apesar de não se considerar mais tão cheia de imaginação, ainda gostava da aparência delas, retorcidas e cheias de nós, porém alinhadas como velhos soldados a postos.

A estrada ascendia e se estreitava, água insinuando-se nas laterais. O mar e seu rugido, ambos temperamentais, muitas vezes sóbrios, desgastavam o litoral com uma fome perpétua. O pedaço irregular de terra irrompia na paisagem, o pico mais alto envergado como uma junta artrítica agraciada pela antiga casa vitoriana que vigiava o mar do topo. Acima dela, onde o solo novamente descia e encontrava a água, estava a torre do farol que guardava a costa.

A casa fora seu refúgio e sua alegria na infância, devido à mulher que morava ali. Amelia Jones transgredira a tradição dos Jones e vivera da maneira que escolhera, dizia o que pensava, e, sempre, sempre guardara um lugar em seu coração para os dois netos.

Miranda a adorava. A única dor verdadeira que conhecera fora quando Amelia morrera — sem alarde ou aviso, dormindo, oito anos antes.

Ela deixara a casa, uma carteira de títulos inteligentemente organizada ao longo dos anos, e sua coleção de arte, para Miranda e o irmão. Para seu filho, o pai de Miranda, deixara o desejo de que fosse metade do homem que esperava quando voltassem a se encontrar. Para a nora, Elizabeth, deixara um colar de pérolas, porque era a única coisa que pensava ser de sua total aprovação.



Isso era a cara dela, Miranda pensava agora. Aqueles comentários incisivos no testamento. Ficara na enorme casa de pedra por anos, vivendo só, tendo sobrevivido ao marido por mais de uma década.

Miranda pensou na avó ao chegar ao final da estrada do litoral, e entrou na rua comprida e sinuosa que levava à propriedade.

A casa ao final do caminho sobrevivera aos anos e aos vendavais, ao frio sem piedade do inverno, ao repentino e chocante calor do alto verão. Agora, Miranda pensava com uma pontinha de culpa, estava sobrevivendo ao abandono.

Nem ela nem Andrew pareciam encontrar tempo para cuidar da pintura ou do gramado. A casa, que fora um lugar mágico quando ela era criança, agora apresentava desgaste e cicatrizes. Ainda assim, achava-a adorável, uma velha mulher sem medo de aparentar a idade. Em vez de desmoronar, mantinha-se firme, ereta, como um soldado, digna em suas pedras acinzentadas, cume e torreão distintos.

Na lateral, uma pérgula oferecia charme e sofisticação. Trepadeiras subiam pelos lados da casa, cobrindo o telhado de flores no verão. Miranda sempre quisera ter tempo de sentar-se em um dos bancos de mármore sob aquela árvore e deliciar-se com seu perfume, sua sombra, o silêncio. Mas, de alguma maneira, a primavera adentrava o verão, o verão o outono, e ela nunca se lembrava de sua promessa até que fosse inverno, quando os galhos grossos desnudavam-se.

Talvez uma parte do piso da ampla varanda da frente precisasse de reforma. Certamente os remates e as persianas, passadas de azul a cinza, precisavam de raspagem e pintura. A trepadeira na pérgula certamente precisava de poda e trato, e de todo o resto necessário nesses casos.

Ela o faria. Mais cedo ou mais tarde.

Mas as janelas cintilavam e os rostos ferozes das gárgulas acocoradas nos beirais sorriam. Terraços compridos e varandas estreitas ofereciam vista em todas as direções. A chaminé liberava fumaça —



quando alguém se dava o trabalho de acender a lareira. Grandes carvalhos antigos, altos, e uma densa fileira de pinheiros aparavam o vento ao norte da casa.

Ela e o irmão dividiam o espaço de maneira igualitária — ou o haviam feito, até que o alcoolismo de Andrew se tornasse habitual. Mas ela não pensaria nisso. Gostava de tê-lo por perto, amava-o, e o fato de trabalhar com ele, de dividir uma casa com ele, era um prazer.

O vento soprou o cabelo em seus olhos assim que saltou do carro. Ligeiramente irritada, ela o colocou de volta no lugar, depois inclinou-se para pegar o laptop e a pasta. Pendurou os dois no ombro, cantarolando o finalzinho da ópera de Puccini, deu a volta até o porta-malas e o abriu.

O cabelo caiu-lhe no rosto novamente, fazendo com que deixasse escapar um suspiro irritado. Suspiro que se transformou em um quase engasgo, visto que seu cabelo foi agarrado com um puxão e usado como uma corda para trazer sua cabeça para trás. Pequenas estrelas brancas brilharam diante de seus olhos, enquanto dor e choque tomavam conta de seu crânio. E a ponta de uma faca pressionou seu pescoço.

O medo era constante em sua cabeça, uma chama primitiva que queimava em suas entranhas e apertava-lhe a garganta. Antes que pudesse gritar, foi virada, empurrada de encontro ao carro e a pontada de dor em seu quadril nublou-lhe a visão, enfraqueceu-lhe as pernas. A mão puxou-a pelo cabelo novamente, sacudindo sua cabeça como se fosse uma boneca.

O rosto dele era hediondo. Branco como cera e marcado por cicatrizes, suas feições eram duras. Foram precisos vários segundos antes que, aterrorizada, pudesse ver que ele usava uma máscara — tinta e borracha misturadas e transformadas em deformidade.

Ela não lutou, não poderia. Não havia nada de que tivesse mais medo que uma faca afiada, a lâmina lisa e mortal. A ponta aguda fazia pressão pouco abaixo de seu maxilar, e cada vez que respirava, sentia um tremor de dor e medo.



Ele era grande. Um metro e noventa mais ou menos, ela percebeu, esforçando-se para prestar atenção aos detalhes enquanto sentia o coração na garganta, onde a lâmina a pressionava. Devia pesar uns cem quilos, os ombros largos, o pescoço curto.

Meu Deus!

Olhos castanhos. Escuros. Foi tudo que pôde ver através das frestas na máscara de borracha que ele usava. E os olhos eram inexpressivos, frios como os de um tubarão, e pareciam sem paixão, enquanto ele pressionava a faca, deslizando a lâmina em sua garganta, ferindo-lhe a pele delicada.

Sentiu uma pequena ardência e uma linha fina de sangue escorreu até a gola de seu casaco.

— Por favor! — As palavras saíram de sua boca enquanto ela instintivamente atacava o punho da mão que segurava a faca. Todo pensamento racional era apagado por um medo gelado enquanto ele puxava sua cabeça para trás, deixando exposta a linha vulnerável de sua garganta.

Na sua mente, imagens da faca rasgando-lhe a pele uma vez, rápida e silenciosamente, atingindo-lhe a carótida, deixando escapar um jorro de sangue quente. E ela morreria aos pés dele, abatida como um cordeiro.

— Por favor, não. Eu tenho trezentos e cinquenta dólares em dinheiro. — Por favor, Deus, permita que seja dinheiro o que ele quer, ela pensou, frenética. Permita que seja somente dinheiro. Se fosse estupro, rezou para ter coragem de lutar, mesmo sabendo que não venceria.

Se fosse sangue, desejou que fosse rápido.

— Eu te dou o dinheiro — começou a falar enquanto ele a sacudia como se fosse um pano de chão.

Ela caiu de joelhos, as mãos no chão de pedrinhas, a ardência dos cortes nas palmas. Podia ouvir os próprios gemidos, odiava o desamparo, o medo paralisante que tornava impossível fazer mais que olhar para ele, os olhos embaçados pelas lágrimas.



Olhar para a faca que brilhava sob o sol. Mesmo que sua mente gritasse por socorro, para fugir dali, ela se encolhia, paralisada.

Ele pegou sua bolsa, sua pasta e virou a faca de maneira que o sol refletisse um feixe de luz em seus olhos. Depois, ele se inclinou e enfiou a ponta da lâmina no pneu de trás do carro. Deu um passo na direção dela e ela começou a engatinhar em direção à casa.

Esperou que ele a golpeasse novamente, que rasgasse suas roupas, que enfiasse a faca nas suas costas com a mesma força descuidada que usara para perfurar o pneu, mas, mesmo assim, continuou se arrastando na grama ressecada pelo inverno.

Quando alcançou os degraus, olhou para trás com os olhos atordoados e murmúrios de pavor escapando-lhe por entre os lábios.

E viu que estava só.

A respiração curta atravessava-lhe a garganta, queimava-lhe os pulmões enquanto ela se arrastava subindo os degraus. Precisava entrar em casa, fugir. Trancar a porta. Antes que ele voltasse e usasse aquela faca contra ela.

Sua mão escorregou na maçaneta uma vez, duas vezes, antes que conseguisse firmar seus dedos nela. Trancada. Claro que estava trancada. Não havia ninguém em casa. Não havia ninguém ali para ajudá-la.

Por um momento, simplesmente encolheu-se ali, do lado de fora, tremendo de choque e de frio, o vento rasante nas montanhas.

Mexa-se, ordenou a si mesma. Você precisa se mexer. Pegue a chave, entre, chame a polícia.

Seus olhos percorreram o ambiente rapidamente, como os de um coelho atento à presença de lobos, e seus dentes começaram a bater. Usando a maçaneta para apoiar-se, levantou-se. Suas pernas ameaçaram ceder, o joelho esquerdo doía, mas ela disparou portão afora, passadas trôpegas, procurando freneticamente pela bolsa antes de se lembrar que ele a levava.

Balbuciou palavras, orações, xingamentos, pedidos de ajuda, enquanto abria a porta do carro e suas mãos buscavam algo no



porta-luvas. Com os dedos apertando o chaveiro reserva na mão, um som a fez girar e olhar em volta desvairadamente, as mãos para cima, em posição de autodefesa.

Não era nada além do vento correndo por entre os galhos enegrecidos e nus das árvores, castigando as roseiras repletas de espinhos, a grama ressecada.

Respirando com dificuldade, partiu em direção à sua casa numa corrida desajeitada e manca, enfiou a chave na fechadura com desespero e gemeu de alívio ao entrar.

Entrou aos tropeções, bateu a porta, trancou-a. Quando apoiou as costas na madeira sólida, as chaves escaparam-lhe pelos dedos, caindo no chão com ruído quase musical. Sua visão ficou turva, ela fechou os olhos. Tudo estava dormente agora, corpo e mente. Precisava dar o próximo passo, agir, superar, mas não conseguia lembrar o que fazer.

Os ouvidos zumbiam e sentiu uma onda forte de enjoo. Cerrando os dentes, deu um passo à frente, depois outro, o hall pareceu balançar suavemente de um lado a outro.

Estava perto da base da escadaria quando se deu conta de que não eram seus ouvidos que zumbiam, mas o telefone que tocava. Mecanicamente, cruzou o cômodo até o gabinete, onde tudo parecia tão normal, tão familiar, e atendeu o telefone.

— Alô? — Sua voz soou distante, fraca como a nota única de um instrumento de percussão. Inclinando-se ligeiramente, percebeu os raios do sol que atravessavam a janela e marcavam o chão de tábuas corridas. — Certo. Ok, entendi. Eu vou. Tenho que... — O quê? Sacudindo a cabeça como quem busca as palavras, Miranda tinha dificuldades em lembrar o que deveria dizer. — Tenho que resolver umas coisas... antes. Não, vou assim que puder.

Depois, uma sensação cresceu dentro dela, mas estava muito zozna para reconhecer a própria histeria. — Minhas malas já estão prontas — disse e riu.



Ainda ria quando desligou o telefone. Ria quando deixou-se cair numa poltrona, sem perceber que se enroscara em posição fetal, sem perceber que o riso transformava-se em soluço.

SEGURAVA UMA CANECA DE CHÁ QUENTE COM AS DUAS MÃOS, mas não o bebia. Sabia que a caneca tremia, mas era reconfortante segurá-la, sentir o calor nos seus dedos enregelados, acalmando suas palmas cansadas e feridas.

Fora coerente — era imperativo ser coerente, clara e precisa quando fez seu relato à polícia.

Assim que se sentiu capaz de pensar novamente, deu os telefonemas apropriados, falou com os policiais que foram à sua casa. Mas, agora que tudo fora providenciado e ela estava sozinha outra vez, não parecia conseguir sustentar um só pensamento coerente por mais de dez segundos.

— Miranda! — O grito foi seguido pelo estrondo da porta da frente batendo. Andrew entrou apressado e, preocupado, estudou o rosto da irmã. — Jesus. — Correu até ela, ajoelhou-se a seus pés e passou os longos dedos pelo rosto pálido dela. — Ah, minha flor!

— Eu tô bem. Só uns ferimentos. — Mas o controle que ela se esforçara para aparentar não era convincente. — O susto foi pior que a agressão física.

Ele viu os rasgos na calça à altura dos joelhos, o sangue seco no tecido. — Filho da mãe! — Seus olhos, de um azul mais plácido que os da irmã, imediatamente se tornaram sombrios de horror. — Ele... — Suas mãos buscaram as dela, de maneira que também envolveram a caneca. — Ele estuprou você?

— Não. Não. Não foi nada disso. Ele só roubou minha bolsa. Só queria dinheiro. Desculpa ter pedido à polícia pra te ligar. Eu mesma devia ter feito isso.

— Tudo bem. Não se preocupa com isso. — Ele apertou as mãos da irmã, depois as soltou rapidamente quando ela gemeu. —



Ah, baby. — Tirou-lhe a caneca das mãos, colocou-a de lado, depois levantou as palmas feridas da irmã. — Eu sinto tanto. Vem, vou levar você pro hospital.

— Eu não preciso de hospital. São só uns ferimentos. — Ela respirou fundo, achando tudo mais fácil agora que ele estava ali.

Ele podia enfurecê-la, e a desapontara. Mas, em toda a sua vida, fora o único sempre presente, o único pronto a estar ao seu lado.

Ele pegou a caneca de chá, colocou-a de volta nas mãos da irmã.

— Bebe um pouquinho — ordenou, antes de se levantar e andar um pouco para afastar o medo e a raiva.

Tinha o rosto fino, anguloso, que combinava com o corpo esguio. A tonalidade de sua pele era a mesma da irmã, apesar de o cabelo ser de um vermelho mais escuro, quase mogno. O nervoso fazia com que batesse com as mãos nas pernas enquanto andava.

— Queria estar aqui. Droga, Miranda! Eu devia estar aqui.

— Você não pode estar em todos os lugares, Andrew. Ninguém podia prever que eu ia ser assaltada no nosso próprio jardim. Eu acho, e a polícia também acha, que ele provavelmente ia invadir a casa, roubar a gente, e como eu apareci, ele mudou os planos.

— Disseram que ele tinha uma faca.

— É. — Cautelosamente, ela levou a mão até o discreto corte em sua garganta. — E posso dizer que não superei minha fobia. Bastou eu olhar pra faca e meu cérebro simplesmente parou de funcionar.

Os olhos de Andrew ficaram sombrios, mas ele falou gentilmente enquanto voltava e sentava-se a seu lado. — O que foi que ele fez? Conta.

— Ele simplesmente apareceu do nada. Eu tava tirando minhas coisas da mala do carro. Ele me puxou pelo cabelo, espetou a faca no meu pescoço. Achei que ia me matar, mas ele me jogou no chão, pegou minha bolsa, minha pasta, furou os pneus e sumiu. — Conseguiu esboçar um sorriso frágil. — Não era exatamente a recepção que eu esperava.



— Eu devia estar aqui — ele disse mais uma vez.

— Para, Andrew. — Ela se recostou nele, fechou os olhos. — Você está aqui agora. — E isso, aparentemente, era o suficiente para equilibrá-la. — A mamãe ligou.

— O quê? — Ele havia passado o braço em volta dos ombros dela, e agora trazia o tronco à frente para encarar a irmã.

— O telefone estava tocando quando eu entrei em casa. Meu Deus, ainda estou zonza — ela reclamou e passou a mão na testa. — Tenho que ir pra Florença amanhã.

— Deixa de ser ridícula! Você acabou de chegar em casa e tá machucada, instável. Caramba, como é que ela pode pedir pra você entrar num avião logo depois de ser atacada?

— Eu não contei pra ela. — Ela deu de ombros. — Não estava concatenando as ideias. De qualquer jeito, o chamado foi em alto e bom som. Tenho que fazer uma reserva.

— Miranda, você vai pra cama.

— Claro. — Ela sorriu novamente. — Já, já.

— Eu ligo pra ela. — Ele engoliu o ar como um homem faz quando depara com uma tarefa difícil. — Eu explico pra ela.

— Meu herói. — Com amor, Miranda beijou-lhe o rosto. — Não, eu vou. Um banho quente, uma aspirina e vou ficar bem. E depois dessa pequena aventura, uma distração não vai ser nada mal. Parece que ela quer que eu dê uma olhada numa escultura de bronze. — Como o chá havia esfriado, ela o deixou de lado novamente. — Ela não me chamaria na Standjo se não fosse importante. Quer alguém pra datar a peça, e rápido.

— Ela tem gente pra fazer isso na equipe.

— Exatamente. — O sorriso de Miranda foi suave e inteligente. “Standjo” significava Standford-Jones. Elizabeth certificara-se de que não somente seu nome, mas tudo o mais em sua agenda, viesse em primeiro lugar na operação de Florença. — Então, se ela tá me chamando, é porque a coisa é grande. Quer que fique tudo em família. Elizabeth Standford-Jones, diretora da Standjo em Florença, está



atrás de um expert em estátuas italianas renascentistas de bronze, e quer um Jones. Não pretendo ser motivo de desapontamento pra ela.

ELA NÃO TEVE A SORTE DE MARCAR UM VOO PARA O DIA seguinte, de manhã, e teve que se contentar com um noturno para Roma, com troca de aeronave para Florença.

Quase um dia inteiro de atraso.

Isso seria um problema.

Enquanto tentava se livrar das dores dentro de uma banheira de água quente, Miranda calculou a diferença de fuso horário e chegou à conclusão de que não fazia sentido ligar para a mãe. Elizabeth estaria em casa, provavelmente já na cama.

Nada pode ser feito esta noite, disse para si mesma. De manhã, telefonaria para a Standjo. Um dia não faria tanta diferença, mesmo para Elizabeth.

Contrataria um carro para levá-la ao aeroporto, porque, do jeito que seu joelho latejava, dirigir poderia ser um problema, mesmo que conseguisse trocar os pneus rapidamente. Tudo o que tinha de fazer era...

Sentou-se ereta na banheira, espalhando água pela borda.

Seu passaporte. O passaporte, a carteira de motorista, os documentos de identificação da empresa. Ele levava sua pasta — levava todos os seus documentos.

— Ai, que inferno! — Foi o que conseguiu exclamar enquanto esfregava as mãos no rosto. Isso só melhorava a situação.

Arrancou o tampão da banheira. Estava fervendo agora, o lampejo de raiva fazendo com que ficasse de pé, e buscasse a toalha antes que seu joelho dolorido cedesse. Engolindo um uivo de dor, apoiou uma das mãos na parede e sentou-se na borda da banheira, a toalha escorregou e caiu na água.

As lágrimas queriam saltar de seus olhos, lágrimas de frustração, de dor, do medo súbito que voltava a atacá-la. Ficou ali sentada,



nua, tremendo, o ar sendo expelido em pequenos engasgos assoviados, até que pudesse controlar-se.

Lágrimas não a ajudariam a recuperar seus documentos, sarar suas feridas, nem fariam com que chegasse a Florença. Engoliu-as e torceu a toalha. Cuidadosamente, usou as mãos para levantar as pernas e tirá-las de dentro da banheira, uma de cada vez. Ficou de pé, um suor gelado grudava-lhe na pele, fazendo com que lágrimas despontassem em seus olhos mais uma vez. Mas manteve-se de pé, agarrando-se à pia em busca de apoio, conferindo a própria imagem no espelho de corpo inteiro perto da porta.

Seus braços estavam feridos. Ela não se lembrava de ter sido agarrada por ele ali, mas as marcas eram de um cinza-escuro, portanto, isso obviamente acontecera. O quadril tinha manchas roxas e estava incrivelmente dolorido. Isso, ela se lembrava, era o resultado de ter sido jogada de encontro ao carro.

Seus joelhos estavam lanhados, o esquerdo, nada atraente, vermelho e inchado. Deve ter sido o mais atingido na hora da queda, talvez tivesse torcido. A parte inferior das mãos ardia devido ao rude encontro com as pedras do chão.

Mas foi o corte longo e pouco profundo na garganta que fez com que sua cabeça ficasse aérea e seu estômago revirasse de náuseas. Fascinada e chocada, levou os dedos até a ferida. A um milímetro da jugular, pensou. Um milímetro da morte.

Se ele a quisesse morta, ela teria morrido.

E isso era pior que os ferimentos, que as dores. Um estranho tivera sua vida nas mãos.

— Nunca mais. — Ela se afastou do espelho e caminhou claudicante até o robe, pendurado num gancho atrás da porta. — Não vou deixar acontecer de novo.

Congelando de frio, enrolou-se no robe o mais rápido que pôde. Enquanto esforçava-se para amarrá-lo, uma movimentação do lado de fora da janela fez com que virasse rapidamente a cabeça, o coração aos saltos.



Ele voltara.

Ela queria correr, esconder-se, gritar por Andrew, enroscar-se atrás da porta trancada. E com os dentes cerrados, esgueirou-se até a janela e olhou para fora.

Era Andrew, pôde ver com uma onda de alívio. Vestia seu casacão preferido para cortar lenha ou escalar as montanhas. Acendera as luzes, logo ela conseguiu enxergar o objeto brilhante que tinha na mão, algo que balançava enquanto ele caminhava pelo jardim.

Intrigada, aproximou o rosto da janela.

Um taco de golfe? O que ele estaria fazendo do lado de fora, cruzando o jardim coberto de neve com um taco de golfe?

Depois compreendeu, e uma onda de amor a inundou, acalmando-a mais que qualquer analgésico.

Ele a estava guardando. As lágrimas voltaram. Uma acabou escapando. Depois, ela o viu parar, tirar algo do bolso e suspender o objeto.

E ela o viu dar um gole numa garrafa.

Ah, Andrew, ela pensou, enquanto seus olhos se fechavam e seu coração sucumbia. Que confusão nós somos!

*A*DOR A ACORDOU, O JOELHO LATEJANDO. MIRANDA TATEOU em busca do interruptor e retirou comprimidos de um frasco que colocara na mesa de cabeceira. Enquanto engolia, deu-se conta de que devia ter seguido o conselho de Andrew para ir até o hospital, onde algum médico simpático teria receitado drogas mais potentes.

Olhou na direção do visor iluminado do relógio, viu que já passava das três. Pelo menos o coquetel de ibuprofeno com aspirina que tomara à meia-noite lhe dera três horas de descanso. Mas estava acordada agora, lutando contra a dor. Melhor acabar com isso e encarar as consequências.

Com a diferença de fuso horário, Elizabeth estaria no escritório. Miranda pegou o telefone e fez a ligação. Gemendo um pouco, ajeitou os travesseiros na cabeceira de ferro da cama e recostou-se.



— Miranda, ia deixar um recado no hotel, pra quando você chegasse amanhã.

— Vou ter que adiar a viagem. Eu...

— Adiar? — A palavra soou como a ponta de uma pedra de gelo, fria e aguda.

— Desculpe.

— Eu achei que tinha deixado claro que esse projeto é prioridade. Dei minha palavra ao governo que começaríamos os testes hoje.

— Vou mandar o John Carter. Eu...

— Não chamei John Carter, chamei você. Seja qual for o outro trabalho que você tenha, pode ser passado para outra pessoa. Achei que tinha deixado isso bem claro também.

— É, você deixou. — Não, ela pensou, os comprimidos não ajudariam dessa vez. Mas a raiva fria que começava a revolver em seu interior começava a afastar a dor. — Eu tinha toda intenção de estar aí, como combinado.

— Então, por que não está?

— Meu passaporte e meus outros documentos foram roubados ontem. Vou providenciar a segunda via assim que puder e remarcar o voo. Como hoje é sexta-feira, duvido que consiga ter os documentos antes do meio da semana.

Ela sabia como funcionava a burocracia, Miranda pensou com alguma irritação. Crescera numa.

— Mesmo num lugar calmo como Jones Point, é uma tolice não trancar o carro.

— Os documentos não estavam no carro, estavam comigo. Aviso assim que estiver com tudo pronto e o horário da viagem. Peço desculpas pelo atraso. O projeto vai contar com meu tempo integral e toda a minha atenção assim que eu chegar. Tchau, mãe.

Desligar antes que Elizabeth pudesse dizer mais alguma coisa deu a ela uma perversa satisfação.



EM SEU ESCRITÓRIO ESPAÇOSO E ELEGANTE, A QUASE CINCO mil quilômetros de distância, Elizabeth olhava para o telefone num misto de irritação e confusão.

— Aconteceu alguma coisa?

Distraída, Elizabeth desviou o olhar e viu a ex-nora, Elise Warfield, sentada, prancheta no colo, os grandes olhos verdes com uma expressão intrigada, a boca viçosa num ligeiro sorriso.

O casamento de Elise e Andrew não dera certo, o que era frustrante para Elizabeth. Mas seu relacionamento pessoal e profissional com Elise não fora prejudicado pelo divórcio.

— Aconteceu. Miranda vai se atrasar.

— Atrasar? — Elise levantou as sobrancelhas, de modo que elas desapareceram sob a franja. — A Miranda não é disso.

— Roubaram o passaporte e os outros documentos dela.

— Nossa, que horror! — Elise levantou-se. Não chegava a um metro e sessenta. Seu corpo tinha curvas femininas e aparentava delicadeza. Com o cabelo preto e muito liso, os olhos de cílios fartos, a pele de marfim e a boca vermelha, parecia uma fada sensual e eficiente. — Ela foi roubada?

— Não sei detalhes. — Os lábios de Elizabeth se comprimiram ligeiramente. — Ela vai tirar a segunda via dos documentos e remarcar o voo. Isso talvez leve alguns dias.

Elise ia perguntar se Miranda se ferira, mas desistiu. Pelo olhar de Elizabeth, ou ela não sabia ou essa não era sua maior preocupação. — Sei que você quer começar os testes hoje. A gente pode resolver isso. Eu coloco alguém fazendo meu trabalho e começo eu mesma a fazer os testes.

Considerando a possibilidade, Elizabeth se levantou e virou-se para a janela. Sempre pensava com mais clareza quando apreciava a vista da cidade. Florença era seu lar, assim era desde a primeira vez que estivera ali. Tinha dezoito anos, era uma jovem universitária com uma paixão desesperada pela arte e uma sede secreta de aventura.



Apaixonara-se perdidamente pela cidade e por seus telhados vermelhos, suas cúpulas majestosas, as ruas sinuosas e as praças agitadas.

E apaixonara-se por um escultor que a levava para a cama com seu charme, cozinhou uma massa para ela e lhe mostrou o que era o amor.

Obviamente, ele não era apropriado. Completamente inapropriado. Pobre e selvagemmente apaixonado. Seus pais a mandaram rapidamente de volta a Boston no momento em que souberam do *affair*.

E isso, é claro, foi o fim de tudo.

Ela se restabeleceu, irritada por se ter deixado levar daquela maneira. Fizera as próprias escolhas, e elas eram excelentes.

Agora era a cabeça de um dos maiores e mais respeitados estabelecimentos de pesquisa de arte do mundo. A Standjo podia ser um dos braços das organizações Jones, mas era dela. Seu nome vinha à frente, e, aqui, ela também.

Ficou olhando pela janela, uma mulher ajeitada, atraente aos cinquenta e oito anos. O cabelo de um louro suave, discretamente pintado e mantido em um dos melhores salões de Florença. Seu gosto impecável refletia-se no corte perfeito do terno Valentino cor de berinjela, de botões dourados. A cor do sapato de couro combinava perfeitamente.

A pele clara e o porte altivo, herança da Nova Inglaterra, superavam os traços da idade que se atreviam a dar sinais de vida. Os olhos azuis eram argutos e impiedosamente inteligentes. A imagem era a de uma mulher tranquila, fashion, profissional e muito bem-sucedida.

Nunca teria se contentado com menos.

Não, pensou, nunca se contentaria com nada que não fosse o melhor.

— Vamos esperar por ela — disse e virou-se para Elise. — É a especialidade dela. Vou entrar em contato pessoalmente com o ministro e explicar o pequeno atraso.



Elise sorriu. — Ninguém entende de atraso como os italianos.

— É verdade. Vamos terminar esses relatórios mais tarde, Elise. Quero dar esse telefonema agora.

— Você é a chefe.

— Sou. Ah, John Carter vai chegar amanhã. Ele vai trabalhar na equipe com Miranda. Fique à vontade para passar algum outro trabalho para ele nesse meio-tempo. Não faz sentido ele ficar aqui sem fazer nada.

— O John está vindo? Que bom! Ele sempre pode ser útil no laboratório. Vou providenciar isso.

— Obrigada, Elise.

Quando ficou só, Elizabeth voltou para sua escrivaninha e observou o cofre do outro lado da sala. Pensou no que havia ali dentro.

Miranda encabeçaria o projeto. Sua decisão fora tomada no momento em que vira a estatueta de bronze. Seria uma operação da Standjo, com uma Jones no comando. Era esse seu plano, sua expectativa.

E assim seria.

Capítulo

Dois

Miranda estava cinco dias atrasada, portanto movia-se rapidamente, atravessando as portas medievais da Standjo, Florença, e caminhava de maneira que seus saltos soavam como tiros rápidos de revólver no piso de mármore absolutamente branco.

Fixou o crachá de identificação que a assistente de Elizabeth providenciara da noite para o dia na lapela do paletó enquanto rodeava a excelente reprodução em bronze, de Cellini, da figura de Perseu segurando a cabeça sem vida de Medusa.

Miranda muitas vezes se perguntara o que o tipo de objeto de arte escolhido pela mãe para o lobby de entrada dizia sobre ela. Derrubaria todos os inimigos, imaginava, com um só e eficiente golpe.

Parou no balcão do lobby, girou o livro de presenças e assinou-o rapidamente, conferindo o horário no relógio de pulso para anotar junto à assinatura.



Vestira-se de maneira cuidadosa, até mesmo estratégica, para o dia: terno de seda azul-rei de corte reto, tradicional. Miranda o considerava ao mesmo tempo alinhado e poderoso.

Quando você vai encontrar o diretor de um dos mais importantes laboratórios de datação de peças de arte do mundo, sua aparência é inevitavelmente importante. Mesmo que esse diretor seja sua mãe.

Principalmente se o diretor é sua mãe, Miranda pensou com o mais pálido dos sorrisos de escárnio.

Pressionou o botão do elevador e esperou, a impaciência latente. O nervoso dava voltas em seu estômago, subia-lhe pela garganta, fazia zumbir sua cabeça. Mas ela não deixava transparecer.

No minuto em que entrou no elevador, abriu o pó compacto e retocou o batom. Um batom seu poderia durar um ano, às vezes até mais. Só se preocupava com essas pequenas coisas quando elas não podiam ser evitadas.

Satisfeita por ter feito seu melhor, guardou a maquiagem e passou a mão no cabelo para conferir o sofisticado coque que levara tempo demais para ser feito. Empurrou firmemente alguns grampos de volta aos lugares assim que as portas voltaram a se abrir.

Entrou no lobby sofisticado e silencioso do que pensava ser um lugar sagrado. O carpete perolado e as paredes de marfim, as cadeiras antigas de encosto rígido, tudo combinava com sua mãe, pensou. Bonito, de bom gosto e desapegado. O console lustroso onde a recepcionista trabalhava com telefones e o computador de última geração era também a cara de Elizabeth. Tudo muito eficiente, ágil e absolutamente moderno.

— *Buon giorno.* — Miranda aproximou-se da recepcionista e apresentou-se brevemente num italiano impecável. — *Sono la Dottoressa Jones. Ho un appuntamento con la Signora Stanford-Jones.*

— *Sì, Dottoressa. Un momento.*

Miranda imaginou-se mudando o pé de apoio, ajeitando o paletó, girando os ombros. Às vezes, imaginar-se mudando de posição ajudava a manter o corpo quieto. Acabara de pensar numa ligeira caminhada quando a recepcionista sorriu e liberou sua entrada.



Miranda atravessou a porta de vidro dupla à sua esquerda e cruzou o corredor frio e branco que levava à sala da *Signora Direttrice*.

Bateu à porta. Era sempre preciso bater a qualquer porta de Elizabeth. A resposta, “*Entri*”, foi imediata.

Elizabeth estava à sua mesa, um elegante móvel assinado, de madeira clara, que se adequava perfeitamente ao seu visual aristocrático da Nova Inglaterra. Emoldurada pela janela ao fundo, via-se Florença em todo o seu esplendor ensolarado.

Uma de cada lado do cômodo, olharam-se, avaliando-se brevemente.

Elizabeth falou primeiro: — Como foi sua viagem?

— Normal.

— Ótimo.

— Você tá com a cara ótima.

— Estou ótima. E você?

— Tudo bem. — Miranda imaginou-se dançando sapateado no escritório perfeitamente decorado, e manteve-se ereta como um cadete sendo inspecionado.

— Você quer um café? Uma bebida gelada?

— Não, obrigada. — Miranda levantou uma sobrancelha. — Você não perguntou sobre o Andrew.

Elizabeth indicou a cadeira. — Como vai seu irmão?

Péssimo, pensou Miranda. Bebendo demais. Com raiva, deprimido, amargo. — Tudo bem. Mandou lembranças — mentiu sem pestanejar. — Imagino que você tenha dito à Elise que eu vinha.

— Claro que sim. — Como Miranda continuasse de pé, Elizabeth levantou-se. — Todos os chefes de departamento, e os membros das equipes, sabem que você vai ficar trabalhando aqui temporariamente. O Bronze Fiesole é prioridade. Naturalmente você terá livre acesso aos laboratórios e aos equipamentos, e contará com a cooperação e a assistência de qualquer pessoa da equipe que escolher.

— Falei com John, ontem. Você ainda não fez nenhum teste.



— Não. Esse atraso já nos custou tempo e espero que você comece imediatamente.

— É por isso que eu estou aqui.

Elizabeth inclinou a cabeça. — O que aconteceu com a sua perna? Você está mancando um pouco.

— Fui assaltada, lembra?

— Você disse que tinha sido roubada, não ferida.

— Você não perguntou.

Elizabeth deixou escapar o que qualquer um que não fosse Miranda teria considerado um suspiro. — Você devia ter explicado que tinha sido machucada durante o incidente.

— Devia. Mas não fiz. A prioridade era, afinal de contas, a perda dos meus documentos e o atraso que isso causou. — Ela inclinou a cabeça, espelhando o gesto de Elizabeth. — Isso ficou bem claro.

— É, acho que sim... — Elizabeth interrompeu o que começava a dizer, gesticulando com a mão de maneira que parecia demonstrar perturbação ou derrota. — Por que você não senta, enquanto eu te relato um pouco da situação?

Então o assunto seria exposto. Miranda esperara por isso. Sentou-se, cruzando as pernas.

— O homem que descobriu o bronze...

— O encanador.

— Isso. — Pela primeira vez Elizabeth sorriu, um movimento rápido de lábios que parecia mais reconhecimento do absurdo da situação do que sinal de diversão. — Carlo Rinaldi. Aparentemente, no fundo ele é um artista, se não é de fato. Nunca conseguiu viver da pintura, e o pai da mulher tem uma empresa de serviços hidráulicos, então...

A sobancelha de Miranda moveu-se rapidamente em sinal de ligeira surpresa. — O currículo dele importa?

— Só no caso da ligação dele com a estatueta. Que parece ser nenhuma! Ele, pelo que se sabe, literalmente tropeçou nela. Alega



que encontrou a peça escondida debaixo de um degrau quebrado no porão da Villa della Donna Oscura. E isso, até onde se verificou, parece ser verdade.

— Existia alguma dúvida quanto a isso? Alguém acha que ele inventou a história, e o bronze?

— Se existia, o ministro está satisfeito com a história de Rinaldi, agora.

Elizabeth cruzou as mãos meticulosamente manicuradas sobre a borda da mesa. Sua coluna, rigidamente ereta como uma régua. De modo inconsciente, Miranda moveu-se discretamente, endireitando a postura.

— O fato de ele ter encontrado a peça — continuou Elizabeth — e guardado na caixa de ferramentas, para depois procurar os canais apropriados e relatar o achado, tudo isso causou uma preocupação no início.

Confusa, Miranda cruzou as mãos para impedir-se de bater com os dedos no joelho. Não lhe ocorreu que reproduzia exatamente a pose da mãe. — Há quanto tempo ele tá com a peça?

— Cinco dias.

— Não houve nenhum dano? Você examinou o bronze?

— Examinei. Prefiro não fazer nenhum comentário antes que você mesma dê uma olhada.

— Ok. — Miranda inclinou a cabeça. — Vamos dar uma olhada.

Em resposta, Elizabeth foi até o armário e abriu a porta, revelando um pequeno cofre de ferro.

— Você tá guardando a peça aqui?

— Minha segurança é mais que adequada. Algumas pessoas têm acesso às coisas de valor nos laboratórios, e eu preferi limitar o acesso nesse caso. E achei que seria menos arriscado se você a examinasse aqui.

Com a unha de esmalte coral, Elizabeth pressionou os botões com o código, esperou, depois teclou outra série de números. Abriu a porta reforçada e retirou do cofre uma caixa de metal.



Depois de colocá-la sobre a mesa, abriu a tampa e pegou um pequeno volume embrulhado em veludo dobrado.

— Vamos datar o pano também, e a madeira do degrau.

— Com certeza. — Apesar de seus dedos coçarem, Miranda levantou-se e foi à frente devagar, quando Elizabeth colocou o embrulho sobre seu bloco de notas impecavelmente branco. — Não tem nenhum documento, certo?

— Até agora, não. Você conhece a história da villa.

— Claro. Já foi a casa da prostituta de Lorenzo, o Magnífico, Giulietta Buonadoni, conhecida como a Senhora Sombria. Depois da morte dele, as pessoas achavam que ela passara a ser acompanhante de outro Médici. Várias vezes, expoentes da Renascença de Florença, ou dos arredores, foram vistos e bem-vindos na casa dela.

— Então você sabe quais são as possibilidades.

— Eu não lido com possibilidades — Miranda disse secamente.

— Exatamente. É por isso que você está aqui.

Delicadamente, Miranda passou um dedo sobre o veludo envelhecido que embrulhava o bronze. — É?

— Eu queria o melhor, e estou em posição que me possibilita ter o que quero. Também exijo discrição. Se as informações sobre essa descoberta vazarem, as especulações vão fugir do controle. Isso é uma coisa que a Standjo não pode arriscar. O governo não quer nenhuma publicidade, nenhuma especulação pública, até o bronze ser testado e datado.

— O encanador provavelmente já contou tudo pros companheiros de copo.

— Acho que não. — Mais uma vez, aquele sorriso pálido se formou nos lábios de Elizabeth. — Ele tirou a estatueta de um prédio do governo. Está bem avisado, a esta altura, de que, se não fizer exatamente o que o mandaram fazer, pode ir preso.

— O medo é uma mordada eficiente.

— É. Mas isso não é da nossa alçada. Fomos encarregados de testar a peça e fornecer ao governo todas as informações científicas



que pudermos. Devemos ter uma visão objetiva, acreditar nos fatos, não em histórias de ficção.

— Não existe lugar pra ficção na ciência — Miranda murmurou e desembrulhou cuidadosamente o veludo.

Seu coração deu um pulo dentro do peito quando o bronze apareceu sob o pano. Seus olhos eficientes e experientes reconheceram a excelência do trabalho da peça, como era gloriosa. Mas ela franziu o cenho, ocultando instintivamente a admiração sob o ceticismo.

— É muito bem concebida e executada, com certeza o estilo tá dentro dos moldes da Renascença. — Retirou os óculos da caixa e colocou-os antes de suspender o bronze. Conferiu o peso, virando a estatueta lentamente.

As proporções eram perfeitas, a sensualidade do objeto, óbvia. Os mínimos detalhes — unhas dos pés, cada mecha de cabelo, a definição dos músculos da perna — eram impressionantemente retratados.

Ela era gloriosa, livre, maravilhosamente ciente de seu poder. O longo corpo sinuoso arqueado para trás, os braços para o alto, não em oração ou súplica, Miranda reparou. Em triunfo. O rosto não era delicado, mas impressionante, os olhos semicerrados, em êxtase, a boca maliciosamente desenhada pelo prazer.

Ela se equilibrava na ponta dos pés, como uma mulher prestes a mergulhar numa piscina de água morna e perfumada. Ou nos braços de um amante.

Era desavergonhadamente sensual, e, por um breve instante, Miranda teve a sensação de poder sentir seu calor. Era vida.

A pátina indicava a idade, mas essas coisas podiam enganar, ela sabia. Pátinas podem ser criadas. O estilo do artista era inequívoco. Mas isso era quase impossível. Estilos podem ser copiados.

— É a Senhora Sombria — ela disse. — Giulietta Buonadoni. Não tenho dúvida. Já vi esse rosto muitas vezes em pinturas e esculturas da época. Mas nunca vi nem ouvi falar do bronze. Vou fazer



uma pesquisa, mas duvido que essa informação me tenha passado despercebida.

Elizabeth estudou o rosto de Miranda, mais que o da estatueta. Já vira aquele lampejo de excitação, de deleite, sentimentos rapidamente controlados. Exatamente como ela esperava.

— Mas você concorda que é um bronze de estilo renascentista.

— Concordo. Mas isso não quer dizer necessariamente que seja uma peça perdida do século quinze. — Seus olhos estreitaram-se enquanto ela girava lentamente a estatueta nas mãos. — Qualquer estudante de arte com olhar atento já rabiscou e copiou o rosto dela ao longo dos anos. Eu mesma já fiz isso uma vez. — Arranhou de leve o azul-esverdeado da pintura com o polegar. A superfície corroída era visivelmente espessa, mas ela precisava de mais, muito mais.

— Vou começar os testes imediatamente.

VIVALDI SOAVA BAIXINHO NO LABORATÓRIO. AS PAREDES eram de um verde-claro de hospital, o piso de linóleo branco, impecável, sem manchas. Cada compartimento era militarmente organizado, equipado com microscópios, computadores, frascos, tubos ou sacos de amostras. Não havia artigos de uso pessoal, nenhum porta-retratos com fotografia de família, nenhum enfeite ou peça de estimação.

Os homens usavam gravata, as mulheres vestiam saia e, para onde quer que se olhasse, o que se via eram jalecos brancos com a logomarca da Standjo costurada em preto no bolso superior.

A conversa era sussurrada, ínfima, e o equipamento zumbia ininterruptamente.

Elizabeth desejava contar com uma equipe coesa e eficiente, e sua ex-nora sabia como comandar uma.

A casa no Maine, onde Miranda crescera, apresentava precisamente a mesma atmosfera. Era um lar frio, ela pensou ao vislumbrar o laboratório, mas um ambiente eficaz de trabalho.



— Já faz um tempo que você não vem aqui — Elizabeth comentou. — Mas Elise vai refrescar sua memória. Você tem livre acesso a todas as áreas, claro. Estou com seu cartão de segurança e todos os códigos.

— Ótimo. — Miranda plantou um sorriso educado nos lábios enquanto Elise deixava um microscópio e caminhava na direção delas.

— Miranda, bem-vinda a Florença. — O tom de Elise era suave, baixo, sem chegar a ser um sussurro sensual, mas com a promessa embutida de sê-lo, se propriamente estimulada.

— É bom estar de volta. Como vai você?

— Bem. Ocupada. — Lançou um sorriso límpido e segurou a mão de Miranda. — Como vai o Drew?

— Não tão bem... mas ocupado. — Ela levantou uma sobrancelha quando Elise apertou sua mão.

— Que pena!

— Eu não posso fazer nada.

— Mesmo assim, que pena! — Ela soltou a mão de Miranda e voltou-se para Elizabeth. — Você vai comandar o tour ou quer que eu faça isso?

— Não preciso de um tour — Miranda disse, antes que a mãe pudesse responder. — Preciso de um jaleco, de um microscópio e de um computador. Quero tirar fotos, e fazer raios X, é claro.

— Olha você aí. — John Carter andou até elas. O gerente do laboratório de Miranda tinha uma aparência amavelmente amarrada em meio àquele estilo de eficiência impecável. Sua gravata, com desenhos tolos de vaquinhas pastando felizes, estava ligeiramente torta. Rasgara o bolso do jaleco, de modo que as pontas estavam soltas. Tinha um machucado no queixo, onde ele se cortara ao barbear-se, um toco de lápis atrás da orelha e manchas nas lentes dos óculos.

Miranda sentiu-se acolhida.



— Você tá bem? — Deu três tapinhas no braço dela. Depois: — E o seu joelho? Andrew me contou que o cara que te assaltou te jogou no chão.

— Jogou no chão? — Elise virou-se rapidamente. — A gente não sabia que você tinha se machucado.

— Foi só o susto. Está tudo bem. Estou bem.

— Ele espetou uma faca no pescoço dela — Carter anunciou.

— Uma faca. — Elise levou as mãos à própria garganta. — Isso é terrível. É...

— Tudo bem — Miranda disse mais uma vez. — Ele só queria dinheiro. — Virou-se e encontrou os olhos da mãe. — E acho que ele já custou bastante do nosso tempo precioso.

Por um minuto, Elizabeth não disse nada. Havia desafio no olhar de Miranda, e ela decidiu que o momento para simpatias havia passado.

— Então. Elise vai organizar tudo para você. Seu crachá e seu cartão de segurança estão aqui. — Elizabeth entregou um envelope a Miranda. — Elise deve ser capaz de cuidar do que você precisa. Ou você fala comigo. — Olhou para o relógio de pulso. — Tenho outro encontro agora, então vou deixar você começar. Espero um relatório preliminar no fim do dia.

— Você vai ter — Miranda murmurou enquanto a mãe se afastava.

— Ela não perde tempo. — Com outro sorriso, Elise gesticulou. — Fico muito sentida de você ter passado por uma experiência tão terrível, mas o trabalho aqui deve tirar isso da sua cabeça. Tem um escritório montado para você. O Bronze Fiesole é prioridade total. Você tem autorização para escolher qualquer pessoa do time A para sua equipe.

— Miranda! — Havia uma lufada de prazer na palavra, e ela foi pronunciada com os tons pesados e exóticos da Itália. Miranda pegou-se sorrindo antes de virar-se e ter as mãos seguras e beijadas de maneira extravagante.



— Giovanni. Você não muda. — De fato, o químico era incrivelmente bonito, pelo que Miranda se lembrava. Moreno e esguio, com olhos que pareciam chocolate derretido, e um sorriso que irradiava charme. Era alguns centímetros mais baixo que ela, e, mesmo assim, fazia com que se sentisse feminina e pequena. Usava o cabelo brilhoso e negro num rabo de cavalo, algo que Elizabeth apenas permitia porque, além de ser bonito de olhar, Giovanni Beredonno era um gênio.

— Mas você muda, *bella donna*. Está ainda mais adorável. Mas que história foi essa de terem machucado você? — Passou os dedos sobre o rosto dela.

— Não é nada, só uma lembrança.

— Quer que eu vá partir alguém ao meio pra você? — Beijou-a delicadamente, uma face, depois a outra.

— Posso pensar um pouco e responder depois?

— Giovanni, Miranda tem que trabalhar.

— Claro, claro. — Ele dispensou as palavras duras e desaprovadoras de Elise com um gesto descuidado, mais um motivo para Miranda sorrir. — Eu sei disso. Um projeto importante, muito sigiloso. — Mexeu as sobrancelhas expressivas. — Quando a *diretrice* manda vir uma expert da América, não é pouca coisa não. Portanto, *bellissima*, você precisa de mim?

— Você é o primeiro da minha lista.

Ele enfiou a mão dela em seu braço, ignorando o aperto de reprovação nos lábios de Elise. — Quando a gente começa?

— Hoje — Miranda disse enquanto Elise apontava na direção do corredor. — Quero testes nas camadas de erosão e de corrosão do metal o mais rápido possível.

— Acho que Richard Hawthorne pode ser útil pra você. — Elise deu um tapinha no ombro de um homem debruçado sobre o teclado de um computador.

— Dr. Hawthorne. — Miranda observava enquanto o homem careca piscava como uma coruja através dos óculos, atrapalhando-se



para tirá-los. Havia algo vagamente familiar nele, mas ela não sabia exatamente o que era.

— Dra. Jones. — Ele lhe lançou um sorriso tímido que acrescentava certo apelo ao seu rosto. O queixo era miúdo, os olhos de um azul pálido e distraído, mas o sorriso era doce como o de um menino. — É bom te ver novamente. Estamos felizes de ter você aqui. Li seu artigo sobre o princípio do humanismo florentino. Achei brilhante.

— Obrigada. — Ah, sim, ela lembrou. Ele trabalhara no instituto alguns anos antes. Depois de ligeira hesitação, que Miranda só percebeu depois de um sinal indicativo de Elise, ela retomou: — Elise montou um escritório para mim. Você poderia vir com a gente um minuto? Queria mostrar o que eu tenho comigo.

— Eu adoraria. — Atrapalhou-se novamente com os óculos e apertou várias teclas do computador para salvar seu trabalho.

— Não é muito grande. — Elise começou a desculpar-se enquanto indicava uma porta a Miranda. — Equipei o escritório com o que achei que ia precisar. Claro que você pode requisitar o que quiser, se precisar de mais alguma coisa.

Miranda deu uma rápida olhada. O computador parecia eficiente. Havia uma grande bancada branca com microscópios, projetor de slides e pequenas ferramentas manuais necessárias ao seu trabalho. Um gravador fora providenciado para detalhamento de notas. Não havia janela, somente uma porta, e, estando os quatro ali dentro, quase não havia espaço para se movimentarem.

Mas havia também uma poltrona, um telefone, e os lápis estavam apontados. Era o suficiente, ela pensou.

Colocou sua pasta na bancada, depois a caixa de metal. Cuidadosamente, retirou a estatueta embrulhada. — Queria sua opinião, dr. Hawthorne. Queria que desse uma olhadinha no bronze.

— Claro. Eu adoraria.

— Esse projeto tem sido o tema mais quente por aqui nos últimos dias — Giovanni acrescentou enquanto Miranda desdobrava o



veludo. — Ah. — Ele deixou escapar um suspiro, enquanto ela colocava a estatueta desembulhada na bancada. — *Bella, molto bella.*

— Muito bem-feita. — Richard colocou os óculos novamente no lugar e apertou os olhos para analisar a estatueta. — Simples. Fluida. Forma e detalhes maravilhosos. Perspectiva.

— Sensual — Giovanni disse, inclinando-se para olhar de perto. — A arrogância e a sedução femininas.

Miranda franziu uma sobrancelha para Giovanni, prestando atenção em Richard. — Você reconhece?

— É a Senhora Sombria dos Médici.

— Foi essa a minha opinião, também. E o estilo?

— Renascentista, inquestionavelmente. — Richard esticou o dedo na intenção de alcançar a face esquerda do bronze. — Não diria que a modelo foi usada para representar uma figura mítica ou religiosa, mas a si mesma.

— Isso. A senhora no papel de senhora — Miranda concordou. — O escultor fez um retrato dela, eu acho, exatamente como ela era. Pensando como artista, eu diria que eles se conheciam, intimamente. Preciso fazer uma pesquisa de documentos. Sua ajuda vai ser inestimável.

— Fico feliz de poder ajudar. Se isso chegar a ser autenticado como uma obra maior do período renascentista, vai ser uma grande conquista pra Standjo. E pra você, dra. Jones.

Ela já havia pensado nisso. De fato, pensara. Mas sorriu friamente. — Não conto com o ovo dentro da galinha. Se o bronze ficou qualquer período de tempo no lugar onde foi encontrado, e parece que foi isso que aconteceu, a extensão da corrosão foi afetada. Quero testes para confirmar essa possibilidade, claro — acrescentou, dirigindo-se a Giovanni —, mas não posso depender só disso como se fosse uma verdade comprovada.

— Você vai fazer testes comparativos, testes de termoluminescência.



— Vou. — Ela sorriu para Richard novamente. — Também vamos testar o pano e a madeira do degrau da escada. Mas a documentação vai ser conclusiva.

Miranda apoiou o quadril na borda da pequena escrivaninha de carvalho. — Ela foi encontrada no porão da Villa della Donna Oscura, escondida debaixo do último degrau da escada. Vou entregar um relatório com os detalhes que a gente tem até agora pra vocês três. Vocês três, o Vincente e ninguém mais — ela acrescentou. — Segurança é uma das maiores preocupações da diretoria. Qualquer pessoa solicitada pra te assistir tem que ter liberdade total, e as informações que você vai fornecer têm que ser mínimas, até a gente ter concluído todos os testes.

— Então, por enquanto, ela é toda nossa. — Giovanni piscou para ela.

— Minha — Miranda o corrigiu com um sorriso discreto, sério. — Preciso de toda e qualquer informação sobre a villa, sobre a mulher. Quero saber quem ela é.

Richard concordou com a cabeça. — Vou começar imediatamente.

Miranda se virou para a estatueta. — Vamos ver do que ela é feita — murmurou.

*A*LGUMAS HORAS DEPOIS, MIRANDA RELAXOU OS OMBROS E recostou na poltrona. O bronze diante dela, sorrindo dissimuladamente. Não havia sinal de latão ou silicone, nenhum metal ou material não utilizado na Renascença na lasca de tinta que extraíra. O bronze tinha o interior de argila, exatamente como uma peça da época deveria ter. Os testes iniciais dos níveis de corrosão indicavam o final do século quinze.

Não seja apressada, ordenou a si mesma. Testes preliminares não eram o suficiente. Até agora, estava trabalhando com as negativas. Não havia nada fora do lugar, nenhuma liga que não pertencesse à



época, nenhum sinal de manuseio de alguma ferramenta que não se encaixasse na era em questão, mas ela precisava determinar a parte afirmativa, positiva.

A Senhora Sombria era verdadeira ou falsa?

Calmamente, tomou uma xícara de café com biscoitos que Elise providenciara para ela à hora do almoço. A mudança de fuso horário a deixara sonolenta, mas ela recusava-se a se entregar. O café, forte, puro e potente como somente os italianos eram capazes de torrar, adentrou seu sistema e pareceu uma máscara de cafeína para o cansaço. Ela cairia em algum momento, mas não ainda.

Dirigiu-se ao teclado do computador e começou a preparar o relatório preliminar para a mãe. Era tão duro e seco quanto uma tia solteirona, até o momento desprovido de especulações e com pouquíssima personalidade. Deveria pensar no bronze como um quebra-cabeça, um mistério a ser resolvido, mas nem um pedaço desse romance entrou em seu relatório.

Mandou o texto por e-mail. Salvou-o na memória do computador com a proteção de sua senha, depois levou o bronze consigo para o último teste do dia.

A técnica do laboratório falava muito mal o inglês, e se mostrava muito encantada com a filha da *diretrice* para que Miranda se sentisse confortável. Ela criou uma nova tarefa e mandou a moça buscar mais café. Sozinha, começou os testes de termoluminescência.

A radiação ionizada prenderia elétrons em estados elevados de energia no interior de argila da estatueta. Quando aquecidos, os cristais da argila promoveriam pequenas explosões luminosas. Miranda preparou o equipamento, anotando rapidamente cada passo e os resultados num bloco de papel. Tomou nota das medições das pequenas explosões, adicionando-as às notas pessoais de referência. Aumentou a radiação e voltou a aquecer a argila para medir o quanto era suscetível ao aprisionamento de elétrons. As medições foram anotadas cuidadosamente, cada uma a seu tempo.



O próximo passo seria testar os níveis de radiação da localidade onde o bronze fora encontrado. Testou o pedaço de pano empoeirado e a madeira.

Era uma questão matemática agora. Apesar de a acuidade do método ser dificilmente comprovada na sua totalidade, era mais um elemento a ser adicionado ao todo.

Final do século quinze. Ela não tinha dúvida quanto a isso.

Savonarola pregava contra a luxúria e a arte pagã durante esse período, Miranda meditou. A peça era um glorioso chute na bunda daquele ponto de vista limitado. Os Médici controlavam Florença, com o incompetente Piero, o Desafortunado, assumindo as rédeas por um curto período antes de ser expulso da cidade pelo rei Carlos VIII de França.

A Renascença estava deixando sua glória inicial quando o arquiteto Brunelleschi, o escultor Donatello e o pintor Masaccio revolucionaram a concepção e as funções da arte.

Depois, veio a próxima geração com o alvorecer do século dezesseis — Leonardo, Michelangelo, Rafael, inconformados, em busca da originalidade pura.

Ela conhecia o artista. Conhecia-o de coração, por instinto. Não havia nada criado por ele que ela não houvesse estudado tão intensa e completamente quanto uma mulher estuda o rosto de seu amante.

Mas o laboratório não era lugar para usar o coração, lembrou a si mesma, ou o instinto. Faria todos os testes novamente. E ainda uma terceira vez. Compararia a fórmula conhecida dos bronzes daquela época e checaria mais de uma vez cada ingrediente e cada liga utilizados na estátua. Pressionaria Richard Hawthorne para que providenciasse a documentação.

E encontraria as respostas.

Capítulo Três

O nascer do sol sobre os telhados e as cúpulas de Florença era um momento magnífico. Pura arte e glória. A mesma luz delicada cintilava sobre a cidade quando homens conceberam e construíram as grandes cúpulas e as grandes torres, cobriram-nas com mármore colhido nas montanhas e as decoraram com imagens de deuses e santos.

As estrelas desapareceram e o céu passou do veludo negro ao cinza perolado. A silhueta dos pinheiros compridos e esguios salpicava as colinas toscanas, que, embaçadas pela mudança de luz, balançavam, fluorescentes.

A cidade estava calma, coisa rara, enquanto o sol subia e enchia o ar com fragmentos dourados. As portas de ferro das bancas de jornal e revistas chacoalhavam enquanto o proprietário bocejava e se preparava para o dia de trabalho. Somente algumas poucas luzes acesas nas muitas janelas da cidade. Uma delas era a de Miranda.



Ela se vestiu rapidamente, o olhar na direção oposta do maravilhoso quadro que se pintava calmamente, sozinho, do lado de fora de seu quarto de hotel. Sua cabeça estava no trabalho.

Quanto progresso faria naquele dia? Quão mais perto chegaria das respostas? Lidava com fatos e se ateria a eles, não importava quão tentador fosse passar para o nível seguinte. Nem sempre se pode confiar nos instintos. Na ciência, sim.

Prendeu o cabelo para trás, depois calçou sapatos sem salto e um terno azul-marinho simples.

Chegar cedo garantiria a ela algumas horas de trabalho solitário. Apesar de gostar de ter experts à disposição, a *Senhora Sombria* já se tornara sua propriedade. Pretendia que cada passo daquele projeto tivesse a sua marca.

Levantou seu cartão de identificação para o guarda atrás da porta de vidro. Ele relutou para abandonar seu café da manhã e arrastou-se na sua direção, franzindo o cenho para o cartão, para ela, depois novamente para o cartão. Pareceu suspirar ao destrancar a porta.

— Chegou muito cedo, *Dottoressa* Jones.

— Tenho muito trabalho.

Americanos, até onde o guarda sabia, pensavam muito pouco em outra coisa. — A senhora tem que assinar o livro de presença.

— Claro. — Ao aproximar-se da bancada, o cheiro do café do guarda a alcançou. Ela fez o que pôde para não salivar enquanto assinava seu nome e anotava a hora da chegada.

— *Grazie*.

— *Prego* — ela murmurou e dirigiu-se ao elevador. Faria um café antes de começar, disse para si mesma. Não estaria acordada o suficiente enquanto não tomasse pelo menos uma dose de caféina.

Usou o cartão-chave para acessar o andar correto, depois digitou seu código quando chegou ao guichê de segurança, do lado de fora do laboratório. Quando apertou os interruptores, algumas lâmpadas fluorescentes se acenderam. Uma rápida olhada em volta indicou



que tudo estava em ordem, que o serviço começado fora muito bem guardado ao final do dia de trabalho.

Era essa a expectativa de sua mãe, pensou. Não toleraria nada menos que eficiência e organização por parte de seus empregados. E dos filhos. Miranda encolheu os ombros, como se tentasse expulsar o ressentimento.

Logo depois, fez café, o computador já ligado, e transcreveu as anotações do dia anterior.

Se gemeu ao contato do primeiro gole de café quente, forte, não havia ninguém para escutar. Recostou-se na cadeira de olhos fechados, sorriso sonhador nos lábios, não havia testemunhas. Por cinco minutos, permitiu-se o mimo de ser uma mulher perdida num dos pequenos prazeres da vida. Seus pés escorregaram para fora dos sapatos de mulher prática, e seu rosto endurecido suavizou-se. Ronronava.

Se o guarda a visse agora, aprovaria completamente seu comportamento.

Depois levantou-se, serviu-se de mais um café, vestiu o jaleco e pôs-se ao trabalho.

Separou primeiro a poeira do lugar, mediu a radiação, fez contas. Mais uma vez, testou a argila que fora cuidadosamente extraída. Colocou um pouquinho de cada um numa palheta, depois preparou uma terceira com as amostras de bronze e tinta, estudando cada uma através das lentes do microscópio.

Analisava a tela do computador quando os primeiros funcionários começaram a chegar. Lá estava Giovanni, procurando-a com uma xícara de café e um bolinho.

— Me diz o que você tá vendo — pediu a opinião dele e continuou avaliando as cores e formas na tela.

— Uma mulher que não sabe relaxar. — Ele descansou as mãos nos ombros de Miranda, afagando-os levemente. — Miranda, você já tá aqui há uma semana e não tirou um minuto sequer de folga.

— A imagem, Giovanni.



— Ah. — Ainda massageando-a, ele mudou de posição, de maneira que suas cabeças ficassem mais próximas. — O primeiro passo no processo de decadência, corrosão. A linha branca é a superfície do bronze, *não?*

— Isso.

— A corrosão está densa na superfície e vai avançando de encontro ao metal, o que pode ser típico num bronze de quatrocentos anos.

— A gente precisa localizar a escala desse avanço.

— Isso nunca é fácil — ele disse. — E ela estava num porão úmido. A corrosão avançaria muito rápido lá.

— Eu estou levando isso em conta. — Ela tirou os óculos para aliviar a pressão nas laterais do nariz. — A temperatura e a umidade. A gente pode calcular a média nesse caso. Nunca ouvi falar de níveis de corrosão assim serem falsificados. Estão lá, Giovanni, dentro dela.

— O pano não tem mais de cem anos. Menos, eu acho, uma ou duas décadas menos.

— Cem? — Irritada, Miranda virou-se para encará-lo. — Tem certeza?

— Tenho. Você vai fazer seus próprios testes, mas vai ver que eu estou certo. Oitenta a cem anos. Não mais que isso.

Ela voltou a olhar para o computador. Seus olhos viam o que já vira, seu cérebro soube o que já sabia. — Tudo bem. Então, vamos imaginar que o bronze tenha sido embrulhado naquele pano e guardado naquele porão há oitenta, cem anos. Mas todos os testes indicam que a estatueta é muito mais antiga.

— Talvez. Vai, toma seu café.

— Humm. — Ela pegou o bolinho e mordeu-o, distraída. — Oitenta anos atrás, começo do século. Primeira Guerra Mundial. Objetos de valor frequentemente são escondidos em tempos de guerra.

— Verdade.



— Mas onde é que ela ficou antes disso? Por que a gente nunca ouviu falar dela? Escondida de novo? — murmurou. — Quando Piero de Médici foi expulso da cidade. Mas esquecida? — Insatisfeita, ela balançou a cabeça em negativa. — Isso não é trabalho de amator, Giovanni. — Deu um comando para imprimir a imagem da tela. — É trabalho de mestre. Tem que existir algum documento, alguma prova em algum lugar. Eu preciso saber mais sobre aquela villa, sobre a mulher. Pra quem ela deixou as suas coisas, quem foi morar lá logo depois que ela morreu? Ela teve filhos?

— Sou químico — ele disse com um sorriso —, não historiador. Pra isso, você precisa do Richard.

— Ele já chegou?

— Ele é superpontual. Espera. — Ele riu, pegando seu braço antes que pudesse escapar. — Janta comigo hoje à noite.

— Giovanni. — Ela deu um aperto carinhoso na mão dele, depois afastou a sua. — Gosto de ver que você se preocupa comigo, mas eu estou bem. Ando muito ocupada pra sair pra jantar.

— Você anda trabalhando demais, e não tá se cuidando. Como eu sou seu amigo, é minha obrigação tomar conta de você.

— Eu prometo que vou pedir um jantar excelente no hotel enquanto trabalho hoje à noite.

Ela encostou os lábios no rosto dele e a porta foi aberta. Elise levantou uma sobrancelha, a boca tensa, em desaprovação.

— Desculpem a interrupção. Miranda, a diretora quer que você dê um pulo na sala dela às quatro e meia pra vocês discutirem o progresso dos seus testes.

— Claro. Elise, você sabe dizer se o Richard tá livre um minuto?

— Todo mundo está à sua disposição.

— Foi exatamente o que eu disse pra ela. — Claramente imune ao gelo, Giovanni sorriu, depois deixou a sala.



— Miranda. — Depois de uma breve hesitação, Elise entrou na sala e fechou a porta. — Espero que você não se ofenda, mas acho que tenho que te avisar que o Giovanni...

Maliciosamente divertida com o desconforto óbvio de Elise, Miranda limitou-se a sorrir discretamente. — Giovanni?

— Ele é brilhante no trabalho, uma peça valiosa pra Standjo. Mas na vida pessoal é um mulherengo, um conquistador.

— Eu não diria isso. — Com a cabeça inclinada, Miranda colocou os óculos, baixando-os um pouco para olhar sobre a armação. — Um conquistador usa as mulheres. O Giovanni é um doador.

— Isso pode ser verdade, mas o fato é que ele flerta com todas as mulheres da equipe.

— Inclusive você?

As sobrancelhas arqueadas de Elise juntaram-se. — Uma vez, e entendo isso como parte da personalidade dele. Ainda assim, o laboratório não é lugar pra isso, nem pra beijos roubados.

— Meu Deus, você tá parecendo a minha mãe! — E nada teria irritado mais Miranda. — Mas vou ficar com isso na cabeça, Elise, da próxima vez que Giovanni e eu resolvermos brincar de fazer sexo selvagem no laboratório.

— Eu não quis te ofender. — Elise suspirou, levantou as mãos, impotente. — Eu só queria... é só porque ele pode ser muito sedutor. Eu quase caí nessa quando fui transferida pra cá. Estava me sentindo tão deprimida, tão infeliz.

— Estava?

A frieza no tom de Miranda fez com que Elise contraísse os ombros. — O divórcio do seu irmão me fez sair correndo atrás de alegria, Miranda. Foi uma decisão difícil e dolorosa, e eu só posso esperar ter feito o que era certo. Eu amava o Drew, mas ele... — Sua voz fraquejou e ela sacudiu energicamente a cabeça. — Só posso dizer que isso não era o suficiente pra nenhum de nós.

Os olhos marejados de Elise suscitaram em Miranda uma pontada de vergonha. — Desculpe — murmurou. — Aconteceu tão rápido. Achei que você não tinha dado a mínima.



— Mas eu dei. Ainda dou — ela suspirou, depois piscou os olhos, tentando fazer com que as lágrimas ameaçadoras desaparecessem do seu rosto. — Queria que tivesse sido diferente, mas o fato é que não foi, e não é diferente. Tenho que viver a minha vida.

— Claro. — Miranda encolheu os ombros. — Andrew anda tão mal, e é mais fácil pra mim culpar você. Nunca acho que o fim de um casamento é culpa só de uma pessoa.

— Eu acho que nenhum dos dois tinha talento pro casamento. Pareceu mais limpo, honesto e até mesmo mais gentil acabar do que continuar fingindo.

— Como meus pais?

Elise arregalou os olhos. — Ah, Miranda, eu não queria...

— Tudo bem. Concordo com você. Meus pais não vivem sob o mesmo teto há mais de vinte e cinco anos, mas nenhum deles se deu o trabalho de terminar, honesta ou gentilmente. O Andrew pode ter ficado mal, mas, no final das contas, eu prefiro a sua maneira de resolver as coisas.

Era, ela admitia, o caminho que teria tomado — se alguma vez tivesse cometido o erro de se casar, em primeiro lugar. Divórcio, decidira, era a alternativa mais humana à pálida ilusão do casamento.

— Posso me desculpar pelos pensamentos perversos que tive a seu respeito no último ano?

Os lábios de Elise se curvaram. — Não precisa. Eu entendo sua lealdade ao Drew. Admiro isso, sempre admirei. Sei como vocês dois são próximos.

— Juntos, ficamos de pé; divididos, temos que correr pra terapia.

— A gente nunca conseguiu realmente ser amiga. Fomos colegas, fomos parentes, mas nunca amigas, mesmo com tudo que temos em comum. Talvez seja impossível, mas eu gostaria de pensar que pelo menos a gente tem uma relação amigável.

— Eu não tenho muitos amigos. — Muita intimidade é um risco, Miranda pensou com uma pitada de desgosto. — Seria bobagem da minha parte recusar uma oferta de amizade.



Elise abriu a porta novamente. — Eu também não tenho muitas amigas — disse baixinho. — É bom que você seja uma.

Tocada, Miranda acompanhou Elise até a saída da sala, depois juntou as suas impressões e provas para trancá-las no cofre.

Pressionara Carter rapidamente, designando-o para checar todas as fontes para fórmulas de estatuetas da era apropriada — apesar de já tê-lo feito ela mesma, e apesar de que o faria mais uma vez.

Encontrou Richard praticamente enterrado no computador e nos livros. Seu nariz arranhava as páginas como um cão farejador.

— Encontrou alguma coisa útil?

— Ahn? — Ele piscou diante da página, mas não levantou o olhar. — A villa foi finalizada em 1489. Lorenzo de Médici contratou um arquiteto, mas a função ficou a cargo de Giulietta Buonadoni.

— Ela era uma mulher poderosa. — Miranda puxou uma cadeira, remexeu os papéis. — Não era comum pra uma amante ser dona de uma propriedade tão valiosa. Ela conseguiu uma coisa incrível.

— As mulheres muito bonitas já têm um poder enorme — ele balbuciou. — As inteligentes sabem como usar esse poder. A história revela que ela era inteligente.

Intrigada, Miranda tirou a foto da estatueta de sua pasta. — Dá pra ver no rosto dela que era uma mulher que sabia quanto valia. Que mais?

— O nome dela aparece de vez em quando. Mas não tem muitos detalhes. A linhagem, por exemplo, está enterrada, perdida no tempo. Não consigo descobrir nada. As primeiras menções a ela que encontrei começam em 1487. Existem indicações de que ela era membro da família dos Médici, provavelmente prima de Clarice Orsini.

— Então, seguindo por aí, Lorenzo pegou a prima da mulher como amante. Manteve tudo em família — disse com um sorriso. Richard simplesmente concordou com um gesto de cabeça.

— Isso explicaria como ela chamou a atenção dele. Apesar de outra fonte indicar que ela pode ter sido a filha ilegítima de um dos



membros da Academia Neoplatônica de Lorenzo. Isso também teria feito com que estivesse na mira dele. Seja lá como se conheceram, ele a colocou dentro da villa em 1489. Segundo todos os relatos, ela era tão devota às artes quanto ele, e usou seu poder e influência para juntar as estrelas da época sob seu teto. Ela morreu em 1530, durante o sítio a Florença.

— Interessante. — Mais uma vez, ela pensou, uma época em que coisas de valor deveriam ser guardadas em segredo. Inclinando-se para trás, levantou os óculos. — Então ela morreu antes de ter certeza de que os Médici continuariam no poder.

— Parece que sim.

— Filhos?

— Não descobri nada sobre filhos.

— Me empresta alguns desses livros — ela resolveu. — Vou te ajudar a procurar.

VINCENTE MORELLI ERA QUASE UM TIO PARA MIRANDA. Conhecia os pais dela desde antes de seu nascimento, e, por muitos anos, administrara a publicidade, as promoções e os eventos do instituto, no Maine.

Quando sua primeira mulher adoeceu, ele a levou de volta a Florença, seu lar, e a enterrou ali, doze anos antes. Sofreu por três anos; depois, para surpresa de todos, casou-se repentinamente com uma atriz de sucesso marginal. O fato de Gina ser dois anos mais jovem que sua filha mais velha causou algum constrangimento na família, e alguns sorrisos maldosos por parte dos sócios.

Vincente era redondo como um barril, tinha a barriga como a de Pavarotti e pernas de gambito, enquanto sua mulher parecia Sophia Loren, quando jovem, exuberante, sensual e linda. Raramente era vista sem muito ouro e pedras preciosas no pescoço, punhos ou orelhas.

Os dois falavam alto, eram escandalosos e, ocasionalmente, grosseiros. Miranda era fã dos dois, mas muitas vezes se perguntava



como um casal tão extrovertido conseguia manter-se associado à sua mãe.

— Mandei cópias dos relatórios lá pra cima — Miranda disse a Vincente quando ele adentrou seu escritório, enchendo-o com seu corpanzil e sua personalidade. — Achei que você ia querer acompanhar a evolução das coisas pra, quando chegar a hora de fazer os pronunciamentos para a mídia, já ter dado tempo de ter explorado bem os arquivos.

— Claro, claro. Os fatos são simples de descrever, mas o que você acha, *cara*? Me dê alguma tinta nova.

— Eu acho que a gente ainda tem algum trabalho a fazer.

— Miranda — ele disse devagar, com um sorriso persuasivo, e reclinou-se na cadeira, que gemeu de maneira alarmante sob seu peso. — Sua linda mãe atou minhas mãos até ter... como é que se diz?... até ter todos os pingos nos *is*. Então, quando eu puder levar essa história pra imprensa, ela tem que causar impacto, paixão e romance.

— Se ficar comprovado que o bronze é verdadeiro, você vai causar impacto.

— Claro, claro, mais do que isso. A adorável e talentosa filha da *direttrice* vem do outro lado do oceano. Uma lady para cuidar da outra. O que você acha dela? O que você sente por ela?

Miranda levantou uma sobrancelha e bateu com o lápis na beirada da mesa. — Eu acho que a estátua tem noventa centímetros e quatro milímetros de altura, vinte e quatro quilos e sessenta e oito gramas de peso. É um nu feminino — continuou, contendo um sorriso enquanto Vincente virava os olhos e mirava o teto —, concebida em estilo renascentista. Os testes até agora indicam que foi feita na última década do século quinze.

— Você é parecida demais com a sua mãe.

— Você não vai conseguir nada me insultando — Miranda o advertiu, e sorriram um para o outro.

— Você dificulta meu trabalho, *cara*. — Quando chegasse a hora certa, ele pensou, usaria seu próprio ponto de vista no press release.



ELIZABETH VISTORIOU OS RELATÓRIOS COM OLHOS ATENTOS. Miranda fora bastante cuidadosa com os fatos, os números, as fórmulas, com cada passo e cada etapa de todos os testes. Mas ainda era possível ver qual a sua tendência, e que resultado acreditava que aquilo teria.

— Você acha que é verdadeira.

— Todos os testes indicam que a idade do bronze está entre quatrocentos e quinhentos anos. Você tem as cópias das fotos e dos testes químicos no computador.

— Quem fez os testes?

— Eu.

— E a termoluminescência? Quem conduziu?

— Eu.

— E a datação do estilo também é sua. A documentação é resultado de sua pesquisa. Você supervisionou os testes químicos e testou pessoalmente a tinta e o metal, comparou as fórmulas.

— Não foi pra isso que você me trouxe aqui?

— Foi, mas eu também providenciei uma equipe de peritos pra você. Esperava que fizesse mais uso deles.

— Quando eu mesma coordeno os testes, tenho mais controle das coisas — Miranda disse secamente. — As chances de erro são menores. Esse é o meu campo. Já autentiquei quatro peças dessa época, três delas eram de bronze, uma delas um Cellini.

— O Cellini tinha documentação incontestável e registros de escavação.

— Independentemente disso — Miranda falou com ressentimento latente. Apesar de imaginar-se sacudindo as mãos, os punhos no ar, manteve os braços levemente pendidos nas laterais do corpo. — Fiz precisamente os mesmos testes pra poder descartar a hipótese de falsificação. Consultei o Louvre, o Instituto Smithsonian, o Bargello. Acredito que minhas credenciais estejam em ordem.



Elizabeth inclinou-se para trás, cansada. — Ninguém está questionando suas credenciais ou sua capacidade. Eu dificilmente chamaria você se duvidasse de uma das duas coisas.

— Então, por que tantos questionamentos agora que eu já concluí o trabalho?

— Estou só comentando a falta de trabalho de equipe, Miranda, e estou preocupada, porque acho que você formou sua opinião no instante em que viu o bronze.

— Reconheci o estilo, a época e o artista. — Exatamente como você, Miranda pensou, furiosa. Inferno, exatamente como você! — No entanto — continuou, friamente —, conduzi todos os testes de praxe, depois parei, documentei todo o procedimento e todos os resultados. A partir de então, pude concluir que o bronze atualmente trancado no cofre é uma representação de Giulietta Buonadoni, feita por volta do fim do século quinze, e é obra de Michelangelo Buonarroti, quando jovem.

— Concordo que o estilo seja o mesmo da escola de Michelangelo.

— O bronze é um trabalho muito antigo pra ser da escola dele. Ele não tinha ainda vinte anos. E só gênios produzem gênios.

— Que eu saiba, não existe nenhuma documentação sobre um bronze desse artista que diga respeito a esse trabalho.

— Então essa documentação ainda vai ser encontrada ou nunca existiu. Temos documentos de várias obras que desapareceram. Por que não ter uma peça sem a documentação? O desenho do afresco da Batalha de Cascina. Perdido. O bronze de Júlio II, destruído e derretido, muitos dos desenhos aparentemente queimados por ele mesmo pouco antes de morrer.

— De qualquer forma, sabemos que existiram.

— *A Senhora Sombria* existe. A idade está correta, o estilo idem, principalmente de acordo com os primeiros trabalhos. Ele devia ter uns dezoito anos quando essa peça foi fundida. Já havia feito a *Madona da Escada*, a *Batalha dos Centauros contra os Lápidas*. Já havia mostrado sua genialidade.



Considerando-se uma mulher paciente, Elizabeth simplesmente concordou com a cabeça. — Não se discute que o bronze é um trabalho superior, e que tem o estilo dele. Isso, no entanto, não prova a autoria.

— Ele viveu no palácio dos Médici, era tratado como filho de Lorenzo. Ele a conhecia. *Existe* documentação comprovando que eram bem chegados. Ela foi muitas vezes usada como modelo. Seria mais estranho se nunca tivesse posado pra ele. Você sabia que existia essa possibilidade quando mandou me chamar.

— Possibilidade e fato são coisas bem diferentes, Miranda. — Elizabeth cruzou as mãos. — Você mesma disse que não lida com possibilidades.

— Eu estou te dando fatos. A fórmula do bronze tá correta, absolutamente correta, os raios X comprovaram que a ferramenta utilizada é autêntica da época. O interior de argila e as amostras foram datados. Os testes revelaram o avanço de corrosão profunda. A pátina tá correta. O bronze é do final do século quinze. Mais provavelmente da última década.

Ela levantou a mão antes que a mãe pudesse falar. — Sendo especialista no campo, e depois de uma análise cuidadosa e objetiva da peça, minha conclusão é que o bronze é um trabalho de Michelangelo. Tudo o que falta é a assinatura dele. E ele não assinava as peças, com exceção da *Pietà* em Roma.

— Não vou discutir os resultados dos seus testes. — Elizabeth inclinou a cabeça. — Mas tenho restrições às suas conclusões. Não posso correr o risco de deixar seu entusiasmo pesar em todos os lados. Você não vai dizer nada disso a ninguém da equipe, por enquanto. E insisto que não diga nada fora do laboratório. Se algum rumor vazar para a imprensa, vai ser um desastre.

— Dificilmente eu ligaria pra todos os jornais, pra anunciar que autentiquei um Michelangelo perdido. Mas eu autentiquei. — Ela colocou as mãos sobre a mesa e inclinou o corpo à frente. — Eu sei disso. E, mais cedo ou mais tarde, você vai ter que admitir isso.



— Nada me dará mais prazer, garanto a você. Mas, até lá, isso deve ser mantido em segredo.

— Eu não estou nisso pela glória. — Apesar de poder experimentar-la, na ponta da língua. Podia senti-la, fazendo coçar as pontas dos dedos.

— Todos nós estamos nisso pela glória — Elizabeth corrigiu a filha com um ligeiro sorriso. — Por que fingir o contrário? Se sua teoria se comprovar, você terá uma glória enorme. Se não, e for prematura em suas declarações, vai arruinar sua reputação. E a minha, além da desta instituição. Isso, Miranda, eu não vou permitir. Pode continuar a pesquisa dos documentos.

— É o que eu pretendo fazer. — Miranda girou nos calcanhares e saiu indignada. Juntaria uma pilha de livros, levaria tudo de volta ao hotel, e, por Deus, disse a si mesma, encontraria a conexão necessária.

ÀS TRÊS DA MANHÃ, QUANDO O TELEFONE TOCOU, ELA SE sentou na cama, rodeada de livros e documentos. Os dois toques a tiraram de algum sonho colorido em meio a colinas e jardins com estátuas de mármore, fontes musicais e som de harpas.

Desorientada, piscou diante das luzes deixadas acesas e agarrou o telefone.

— *Pronto.* Dra. Jones. Alô?

— Miranda, eu preciso que você venha até minha casa o mais rápido possível.

— O quê? Mãe? — Olhou a imagem embaçada do relógio na mesa de cabeceira. — São três da manhã.

— Sei exatamente que horas são. Assim como o assistente do ministro, que foi acordado há mais ou menos vinte minutos por um repórter pedindo detalhes do bronze perdido de Michelangelo.

— O quê? Mas...



— Não quero discutir isso por telefone. — A voz de Elizabeth apresentava frieza e fúria muito pouco disfarçadas. — Você lembra como se chega aqui?

— Claro que sim.

— Espero você em trinta minutos — ela disse, segundos antes de desligar o telefone.

Miranda chegou em vinte.

A casa de Elizabeth era pequena e elegante, uma residência de dois andares típica de Florença, com paredes em tom de marfim e telhas vermelhas. Flores jorravam de vasos e jardineiras nas janelas, e eram cuidadas religiosamente pela empregada.

No escuro, as janelas brilhavam, fochos de luz atravessavam as persianas fechadas. Era espaçosa, pelo que Miranda recordava, um espaço atraente para o entretenimento. Não teria ocorrido nem à mãe nem à filha dividirem o espaço enquanto Miranda estivesse em Florença.

A porta foi escancarada antes que ela pudesse bater. Elizabeth estava de pé, com boa aparência e perfeitamente apresentável no robe de cor pêssego.

— O que foi que aconteceu?

— É exatamente a minha pergunta. — Controle absoluto era o que impedia Elizabeth de bater a porta. — Se essa foi a sua maneira de provar seu argumento, de expor sua *expertise* ou de me causar constrangimento profissional, tudo que você conseguiu foi a última opção.

— Não sei do que você tá falando. — Miranda não perdera tempo ajeitando o cabelo e passava a mão impaciente nos fios, na tentativa de tirá-los dos olhos. — Você disse que um jornalista ligou...

— Exatamente.

Ereta como um general, Elizabeth voltou-se e andou até o gabinete. A lareira estava preparada, mas ainda não acesa. A luz dos abajures fazia com que o chão encerado de madeira luzisse. Havia um



vaso de rosas brancas na cornija da lareira e nada mais. As cores eram suaves e pálidas.

Parte da mente de Miranda registrava o de sempre quando entrava naquele ou em qualquer cômodo da casa. Era mais um show-room que um lar, tão frio quanto.

— O jornalista, é claro, se recusou a revelar a fonte. Mas ele tinha muitas informações.

— O Vincente nunca iria prematuramente à imprensa.

— Não — Elizabeth concordou friamente. — O Vincente não faria isso.

— Será que o encanador, como é mesmo o nome dele?, falou com um repórter?

— O encanador não poderia dar fotos com os resultados dos testes do bronze.

— Resultados dos testes? — Como seus joelhos de repente fraquejaram, Miranda sentou-se. — Dos meus testes?

— Testes da Standjo — Elizabeth disse entre os dentes. — Apesar de você ter conduzido o processo, os resultados ainda são responsabilidade do meu laboratório. E a segurança desse laboratório foi quebrada.

— Mas como... — Ela voltara ao lar agora, com o tom, o olhar no rosto da mãe. Levantou-se devagar. — Você acha que eu liguei pra um jornalista e dei as informações? Que ofereci fotos e resultados de testes?

Elizabeth simplesmente estudou o rosto enfurecido de Miranda. — Você fez isso?

— Não, eu não fiz. Mesmo que a gente não tivesse discutido as consequências, eu nunca prejudicaria um projeto dessa maneira. A minha reputação também tá em jogo.

— E é exatamente a sua reputação que você poderia estar tentando valorizar.

Miranda olhou Elizabeth nos olhos e viu que sua opinião já estava formada. — Você pode ir pro inferno!

— O repórter fez citações do seu relatório.



— Direto pro inferno! E pode levar seu precioso laboratório junto. Ele sempre foi mais importante pra você do que seu próprio sangue.

— Meu precioso laboratório deu a você treinamento e emprego, além do potencial para que chegasse ao topo na sua área. Agora, por causa da pressa, da teimosia e do ego, minha integridade profissional está em jogo, e a sua reputação pode muito bem ter sido arruinada. O bronze está sendo transferido para outro lugar hoje.

— Transferido?

— Fomos demitidos — Elizabeth despejou, depois pegou o telefone, que começara a tocar numa mesa ao seu lado. Os lábios se contraíram e o ar saiu-lhe num fio, de uma vez só. — Sem comentários — disse em italiano e desligou. — Outro jornalista. O terceiro que liga para o meu número particular.

— Não importa. — Apesar do estômago revirado, Miranda falou calmamente. — Que transfiram a estatuetta! Qualquer laboratório sério vai confirmar as minhas descobertas.

— Foi exatamente esse tipo de arrogância que nos colocou onde estamos agora. — Seus olhos destilavam tanta frieza que Miranda não reparou as olheiras escuras. — Trabalhei anos para chegar onde estou, para construir e manter uma instituição que está, sem sombra de dúvida, entre as melhores do mundo.

— Isso não vai mudar. Esse tipo de vazamento de informação acontece até mesmo nas melhores instituições.

— Não na Standjo. — A seda do robe de Elizabeth balançava enquanto ela andava de um lado para outro. Os chinelos combinando não faziam barulho algum ao pisarem as rosas em flor do tapete. — Vou começar a reparar esse erro imediatamente. Espero que você evite a imprensa e pegue o primeiro voo disponível de volta para o Maine.

— Não vou embora enquanto isso não estiver terminado.

— Está terminado para você. Seus serviços não são mais necessários na Standjo, em Florença. — Deu as costas para a filha, o rosto



composto, os olhos cansados, frios e diretos. — Sua permissão de ir e vir está cancelada.

— Entendi. Uma execução rápida, sem julgamento. Eu não devia estar surpresa — disse meio para si mesma. — Por que será que fiquei?

— Isso não é hora para drama.

Como seus nervos estavam à flor da pele, Elizabeth foi indulgente consigo mesma e dirigiu-se ao armário de bebida. Um latejamento insistente na base do crânio lhe causava mais irritação que dor.

— Vai me dar um trabalho enorme manter o nível da Standjo depois de uma coisa como essa. E vou ser questionada, vão fazer muitas perguntas. — De costas para Miranda, Elizabeth jogou duas doses de conhaque na coqueteleira. — Seria melhor você não estar no país quando começar a sessão de perguntas.

— Eu não tenho medo de perguntas. — O pânico insinuava-se agora, escalando, sorrateiro, sua espinha. Ela seria mandada embora, *A Senhora Sombria* lhe seria tirada. Seu trabalho seria questionado, sua integridade, abalada. — Não fiz nada ilegal ou que não fosse ético. E vou sustentar minha autenticação do bronze. Porque é correta. Porque é real.

— Para o seu próprio bem, espero. A imprensa está com seu nome, Miranda. — Elizabeth levantou sua bebida, num brinde inconsciente. — Acredite-me, eles o usarão.

— Que usem!

— Arrogância — Elizabeth disse entre os dentes. — Obviamente você não se deu conta de que suas atitudes vão ter reflexo em mim, pessoal e profissionalmente.

— Você pensou nisso — Miranda rebateu — quando me trouxe pra verificar e corroborar sua própria suspeita. Você pode dirigir a Standjo, mas não tem qualificação pra esse tipo de trabalho. Você queria a glória. — O coração de Miranda batia dolorosamente em



sua garganta quando se aproximou da mãe. — Você me chamou porque carregou o seu nome, o seu sangue, por mais que nós duas lamentemos isso.

Os olhos de Elizabeth estreitaram-se. A acusação não era inexata, mas também não estava completa. — Eu dei a você a oportunidade da sua vida, por causa da sua qualificação e, é verdade, porque você é uma Jones. Você estragou essa oportunidade, e a minha instituição no caminho.

— Eu não fiz nada além do que me trouxe aqui. Não falei com ninguém de fora da instituição, e com ninguém de dentro que não estivesse dentro dos seus critérios de segurança.

Elizabeth respirou fundo. Sua decisão já fora tomada, lembrou a si mesma. Não havia sentido continuar discutindo. — Você vai deixar a Itália hoje. Não vai voltar ao laboratório, nem contatar ninguém que trabalha lá; se você não concordar, serei forçada a extinguir sua função no museu.

— Você não dirige mais o instituto, nem o papai. Andrew e eu dirigimos.

— Se você quer que continue a ser assim, vai fazer o que estou dizendo. Acredite ou não, estou tentando evitar constrangimentos para você.

— Não quero que você me faça nenhum favor, mamãe. Não é bom manchar a sua ficha. — Banida, era tudo em que conseguia pensar. Cortada do trabalho mais excitante de sua vida, e mandada embora tão impotente quanto uma criança de castigo no quarto.

— Dei a você uma opção, Miranda. Se ficar, estará sozinha. E não será mais bem-vinda em nenhuma das instalações da Standjo, nem mesmo no Instituto de História da Arte da Nova Inglaterra.

Miranda sentiu um tremor percorrer-lhe o corpo, um tremor de medo e raiva. Mesmo ouvindo ecos de gritos internos de pavor e ódio, disse calmamente: — Nunca vou te perdoar por isso. Nunca. Mas eu vou embora, porque o instituto é importante pra mim.



E porque, quando isso tudo acabar, você vai ter que pedir desculpas, e eu vou te mandar pro inferno. Essas vão ser as últimas palavras que vou dizer pra você.

Pegou a coqueteleira das mãos da mãe.

— *Salute* — disse, e bebeu tudo com confiança. Jogou o objeto no chão, o ruído de vidro se quebrando, virou-se e saiu. Ela não olhou para trás.